

## UM OLHAR SOBRE O FEMININO NA LITERATURA BRASILEIRA

*Luciano Taveira de Azevedo<sup>1</sup>*

Francisca Júlia da Silva nasceu em Xiririca no ano de 1871. Aos 14 anos estréia como poetisa e aos 24 anos escreve seu primeiro livro, *Mármore*, obra prefaciada por João Ribeiro, consagrado crítico da época. Mais tarde, no ano de 1903, publica *Esfinges*, onde acrescenta alguns poemas inéditos aos já editados no primeiro livro. Escreve ainda dois livros em parceria com o irmão Júlio César da Silva, *Livro da Infância* (1899) e *Alma Infantil* (1912). Colaborou com jornais como *O Estado de São Paulo*, *Correio Paulistano* e *Diário Popular*, e periódicos do Rio de Janeiro com destaque para as revistas *O Álbum* e *A Semana*, especialmente.

A produção literária de Francisca Júlia arrancou daquele que foi o Príncipe dos Poetas, Olavo Bilac, as seguintes palavras de elogio e reconhecimento emocionado:

“Em Francisca Júlia surpreendeu-me o respeito pela língua portuguesa, – não que ela transporte para a sua estrofe brasileira a dura construção clássica: mas a língua doce de Camões, trabalhada pela pena dessa meridional, – que traz para a arte escrita todas as suas delicadezas de mulher, toda a sua faceirice de moça, nada perde da sua pureza fidalga de linhas. O português de Francisca Júlia é o mesmo antigo português, remoçado por um banho maravilhoso de novidade e frescura”.

A poetisa foi parnasiana e simbolista, ora escrevia de acordo com a estética característica do Parnasianismo, ora aos moldes do Simbolismo. Como autêntica representante da escola que cultuou a forma, a beleza estética e a arte clássica, esmerou-se em provar que mulher sabia fazer poesia e poesia de qualidade e, desse modo, foi ombreada a tríade parnasiana formada por Olavo Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira e costeou Heredia com os sonetos “Dança das centauras” e “Os argonautas”. Frustrando todas as expectativas foi em suas mãos que a lira parnasiana encontrou a perfeita concretização das condições que o Parnasianismo francês, em tese, reclamava. A esse respeito asseverou o crítico Péricles Eugênio:

“(…) com efeito, é plástica e sonora; a poetisa professou a arte pela arte, conheceu o “mot juste”, desejou a austeridade formal e sobretudo timbrou em ser impassível, coisa de que os outros parnasianos brasileiros não fizeram questão”.

A despeito da singularidade da sua obra, Francisca Júlia não ocupa o lugar de destaque que lhe é devido nos livros didáticos, história da literatura e antologia literária. O desconhecimento da exímia poetisa é quase que completo nos cursos de ensino

---

<sup>1</sup> FFPG/UPE – Faculdade de Formação de Professores de Garanhuns - Universidade de Pernambuco

fundamental, médio e superior. As pesquisas realizadas em bibliotecas da cidade de Garanhuns dão provas suficientes do esquecimento dessa que foi um marco na literatura de língua portuguesa e que fez o prefaciador dos seus livros, João Ribeiro, declarar:

“Nem aqui, nem no sul nem no norte, onde agora floresce uma escola literária, encontro um nome que se possa opor ao de Francisca Júlia. Todos lhe são positivamente inferiores no estro, na composição e fatura do verso, nenhum possui em tal grau o talento de reproduzir as belezas clássicas com essa frieza severidade de forma e de epítetos que Heredia e Leconte deram o exemplo na literatura francesa”.

As pesquisas mostraram que em um total de cem por cento de livros consultados e divididos entre didáticos, história da literatura e antologia literária, a poetisa figura em apenas vinte e dois por cento destes sob diferentes graus de abordagem. Alguns livros citam seu nome como poeta menor, outros citam o nome e acrescentam alguns dados biográficos e outros trazem informações mais amplas acerca da sua vida e obra.

O silenciamento a que a mulher do século XIX foi submetida se estende aos dias atuais quando vozes poéticas, como a de Francisca Júlia, desaparece do cenário da literatura brasileira, das bibliotecas, escolas, universidades e da memória do povo.

Sobre os versos cuidadosamente arquitetados pela “Musa Impassível”, afirmou Júlio Ribeiro, “sua poesia enérgica, vibrante, trazia a veemência de sonoridades estranhas, nunca ouvidas, uma música nova que as cítaras banais do nosso Olimpo nos haviam desacostumado”.